

Roland Walter. *Narrative Identities -  
(Inter) cultural in-betweeness  
in the Americas*. Bern: Peter Lang,  
2003. 397p.

Flávia Westphalen

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

*Narrative identities* visa a mapear culturalmente as Américas através de sua literatura e da crítica. Nesse instigante livro, Roland Walter, professor da Universidade Federal de Pernambuco, redefine o conceito de fronteira no contexto das Américas, deixando de lado o sentido geográfico do termo e buscando traçar aquelas que considera as verdadeiras fronteiras entre países e povos: as fronteiras culturais. Seguindo a linha das relações literárias e culturais interamericanas, o autor toma como *corpus* de seu estudo textos e autores considerados pan-americanos por apresentarem uma série de características em comum, sendo a principal delas a presença de personagens e contextos que se encontram na posição de entre-

lugar (inter)-cultural.

Nas palavras do próprio autor, esse estudo é uma tentativa de “medir as diferenças culturais e as similaridades nas Américas em comparação umas com as outras”. Mas por que fazê-lo através da análise de criações literárias? Nesse ponto, cabe perguntar em que medida uma análise de culturas e povos que toma como objeto de estudo personagens ficcionais seria válida. Em resposta, o autor justifica em seu prefácio que “as refrações literárias da realidade oferecem um valioso contraponto subjetivo para as configurações culturais empíricas estudadas pelos cientistas sociais. Portanto,

o estudo apresentado por Roland Walter vê a produção literária como um esforço criativo que acresce à realidade sentimento e emoção. Assim, o que a literatura realiza é a narrativização de fatos da vida cotidiana, sendo ela própria em certa medida criadora da realidade, ao clarificá-la e mesmo recriá-la através de um “processo cíclico de articulação e rearticulação.”

As Américas foram e são, como sintoma de suas realidades de entre-lugar, um espaço de mobilidade e deslocamento cultural. Atualmente, essa realidade foi potencializada pela expansão de uma economia global, que, com suas áreas de livre comércio, aumentou a mobilidade do capital, dos bens e do trabalho. Nesse novo contexto, tornou-se comum que empresas se desloquem em busca de incentivos fiscais, fazendo com que a economia de algumas regiões se extinga e a de outras floresça. Como consequência, as fronteiras dentro das Américas acabam tendo que constantemente se reconfigurar, visto que a população das regiões empobrecidas migra em direção às áreas que apresentam melhores oportunidades de trabalho. São essas migrações que criam uma nova estrutura social e refazem fronteiras. Com a recente globalização econômica, podemos observar

um maior isolamento entre zonas rurais e urbanas e mesmo o surgimento de novas fronteiras dentro de espaços antes homogêneos, como, por exemplo, o surgimento de favelas dentro de grandes centros urbanos brasileiros.

O grande trunfo da literatura, em uma análise como a que Walter se propõe, é o de não estar presa a uma ordem fixa, a uma direção obrigatória. No texto literário, o autor pode articular-se entre o dito e o não-dito, pode trabalhar com a elipse, com a fragmentação e com a contradição para articular ambivalências inerentes à posição de entre-lugar em que o autor (ou sua personagem) está consciente de se encontrar. É apenas quando se vê liberto da ordem objetiva da realidade, quando entra no mundo criativo da literatura, que o autor pode representar a fronteira em que se vê – um espaço que não é um, nem outro, mas um espaço de interação onde tendências contraditórias se complementam.

Para tentar achar respostas para a questão de como é estar nesse espaço de influências múltiplas

onde se criam identidades híbridas, o autor selecionou autores que, apesar de seus diferentes contextos culturais, apresentam duas características que considera fundamentais para o estudo do entre-lugar (inter)cultural nas Américas. Primeiro, seus focos em contextos socioculturais dinâmicos e em constante mudança que registram os múltiplos sentidos da realidade, do tempo e do espaço. Segundo, o fato de que, apesar de diferentes, seus escritos pós-modernos representam uma variedade de vozes subalternas que foram excluídas e/ou marginalizadas do discurso histórico e cultural oficial de suas respectivas nações.

Foi nos trabalhos de autores como Clarice Lispector, João Ubaldo Ribeiro, Mario Vargas Llosa, Gioconda Belli, Alice Walker, Ana Castillo, Miguel Méndez e Linda Hogan que o autor encontrou, além de um espaço para as vozes marginalizadas, a realidade disjuntiva do entre-lugar, que “reflete as experiências culturalmente híbridas que moldam a vida contemporânea nas Américas”. Ao dar espaço ao híbrido, ao entre-lugar, esses autores estão dando voz ao marginalizado e abrindo espaços para que se criem vozes e identidades autenticamente

americanas. Após todo um processo de colonização em que a opressão se estendia também ao âmbito cultural, a pós-modernidade abre espaço para que, de uma vez por todas, se realize o verdadeiro processo de descolonização e de criação de identidades legitimamente americanas. Dada a história do continente, a identidade americana não poderia ser apenas uma, selecionada como autêntica entre outras “importadas”; ela somente poderia surgir em um entre-lugar cultural. As identidades americanas, de acordo com Roland Walter, só podem ser definidas em um espaço onde diferentes tempos, espaços, raças e culturas se justaponham, sobreponham, neguem e hibridizem para formar algo que não seja um, nem outro, mas algo novo: o entre-lugar americano.

Encontrado o espaço para o surgimento dessas novas identidades, passa-se à maneira como ela será definida. É claro que, ao se colocarem lado a lado culturas e povos completamente diferentes, estes acabarão por entrar em choque. A fronteira é uma zona de contato onde se vai

encontrar o novo, o autêntico, mas ao custo de uma “negociação cultural”, que envolverá processos de adaptação, empréstimo, incorporação e tradução. Nas Américas, há um histórico de problemáticas na tradução entre nações e culturas, que transforma essas zonas de contato em verdadeiras zonas de batalha, em decorrência do que Mignolo chama de “colonialismo do poder”. Disso decorrem o extermínio das culturas autóctones, a discriminação racial e outras violências que levam à marginalização de culturas e povos e à desestabilização da noção de fronteiras bem-definidas. Em relação ao tema, o autor faz, em seu prefácio, uma grande digressão, remetendo às obras dos mais conceituados autores das três Américas, a fim de buscar definições mais claras do espaço da fronteira e das relações entre povos e culturas. Conclui que, sendo as entidades criadas pelo contato cultural instáveis e heterogêneas, para se entender “essa heterogeneidade labiríntica com suas identidades hifenizadas múltiplas chamada de Américas”, deve-se começar pelo mapeamento dos espaços intersticiais onde elementos de diversas culturas se encontram, se influenciam e reconhecem (ou ainda, recriam) seus ‘eus’ e seus

lugares na negação dos Outros, em seus não-lugares. E pela importância que dá às tensões entre raças, gêneros, culturas, etc., que o autor tem como um dos tópicos recorrentes nos capítulos de seu estudo o que chama de política da identidade, ou seja, a maneira como a literatura retrata a posição do sujeito e a (re)construção da identidade nesses entrelugares. Roland Walter vê a identidade como respostas a conjunturas específicas, como as que já foram citadas, e busca entender “como podem posições de identidades novas, alternativas, ser mobilizadas e improvisadas como formas de resistência à alterização hegemônica em zonas de fronteira intra e interculturais”. Sobre o mesmo tema, o autor busca constantemente responder perguntas como: quais são os processos pelos quais a identidade é construída dentro e através de campos de diferença? Qual a natureza das identidades que são negadas, reprimidas e/ou reclamadas em territórios de fronteira específicos das Américas?

No entanto, o autor não se preocupa apenas em

encontrar respostas para as questões ligadas ao entre-lugar, à fronteira e à identidade. Há também uma constante preocupação em definir como traçar teoricamente a dinâmica desses processos tão marcados pela fragmentação e pela heterogeneidade. O professor Roland Walter defende que não seria possível lidar com a heterogeneidade sob um único ponto de vista e que, portanto, deve-se colocar em diálogo um conjunto igualmente heterogêneo de posições teóricas em tensão. E isso que ele próprio faz, durante boa parte de seu prefácio, quando apresenta suas visões e conceitos sempre apoiados em estudos de outros autores, que focalizam o tema sob diversos ângulos, e assim acaba por, muitas vezes, reordenar seus próprios conceitos, em um campo de estudo complexo e ainda pouco explorado.

E apenas após essa profunda, ainda que relativamente breve, reflexão teórica sobre as questões que serão abordadas no livro que o autor (e também os leitores) parte para a análise prática dos textos selecionados. No capítulo 1, tematiza-se a identidade nacional e cultural brasileira, apresentando-se o conceito de entre-lugar discursivo e traçando, através da análise de obras de Clarice Lispector, Antonio

Torres, Benedicto Monteiro e João Ubaldo Ribeiro, uma série de fronteiras internas que jogam com a concepção oficial homogênea do cidadão, da cultura, da sociedade, da história e do território nacional.

No capítulo 2, o autor analisa uma variedade de experiências de entre-lugar, revelando o inter-relacionamento da subjetividade e da formação de identidades, historicamente construídas e perpassadas pelas noções de raça, etnia, classe, sexualidade e gênero, tomando como *corpus* de estudo romances de Gioconda Belli (Nicarágua), Miguel Méndez e Ana Castillo (Estados Unidos), Jamaica Kincaid (Antigua) e Dionne Brand (Trinidad).

No capítulo 3, os romances da norteamericana Toni Morrison são analisados à luz do conceito de dupla-consciência de WEB. DuBois e da noção de liminalidade de Victor Turner. Tendo em vista que as personagens de Morrison encontram-se em um espaço de fronteira intra e intercultural de visibilidade e invisibilidade, marcado por uma estrutura social

sexista e racializada. A principal hipótese desenvolvida por Walter é a de que a autora “usa a memória como uma forma de conscientização que imbui a dupla consciência com uma dupla visão, permitindo que algumas de suas personagens se movimentem e sobrevivam nesse espaço intersticial e através de suas fronteiras”.

No capítulo 4, são analisados textos de autores de diversas origens e tradições nas Américas, que permitem ao autor definir o realismo mágico como um espaço “transfronteiriço” (*transborder*) teórico e cultural, uma retórica da descolonização e da atitude excêntrica nas Américas, transcendendo assim o nível literário do realismo mágico e revelando um inconsciente político subjacente aos textos.

Por fim, em seu epílogo, Roland Walter retoma o conceito de transculturação, remetendo às obras de diversos teóricos da área, e o caracteriza como um conceito ambíguo que medeia os choques que se dão nas fronteiras e é a situação em comum compartilhada por todos esses entre-lugares culturais das Américas. Como conclusão, admite a impossibilidade de se reconhecer teoricamente a verdade sobre a alteridade cultural e, assim, termina definindo seu trabalho não como

uma obra autoritária em sua teorização, mas, da mesma maneira que a literatura, como um mero gesto inquisidor que reconhece sua incompletude.